



Jornal Vida em Relevo

Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornal Impresso Avulso.

Mariana ESPÓSITO, estudante do 4^o Semestre do Curso Jornalismo,
esposito.jornal@gmail.com

Margarete Vieira PEDRO, Professora do Curso Jornalismo,
margarete.pedro@metodista.br

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O Jornal Vida em Relevo é um dos veículos experimentais criados pelos alunos e professores do Núcleo de Jornalismo Social da Universidade Metodista de São Paulo. É um jornal comunitário com versões impressa e em braile feito com o grupo Sol de Primavera, composto de pessoas com deficiências físicas e mentais carentes de Santo André. O projeto é uma parceria com o projeto ARCO, Ação de Reabilitação Comunitária, e a prefeitura de Santo André.

PALAVRAS-CHAVE: jornal; comunitário; braile; deficientes.

1 INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação de massa são restritos à visão das empresas que detem a concessão do governo e/ou os recursos necessários para sua manutenção. Nesse sistema, as comunidades excluídas não se identificam com o que é divulgado na mídia e por isso precisam criar seus próprios espaços de comunicação.

A universidade atua junto a essas comunidades para instrumentalizar essa produção e torná-la um exercício pleno para o protagonismo social. No processo, estimula a reflexão de alunos e professores quanto à função social do jornalismo e do jornalista.

Entendemos que o papel do jornalista é servir à comunidade em que está inserido, com informações e esclarecimentos que possam, de certa forma, contribuir para modificar a realidade de exclusão. Fato é que, muitas vezes, os profissionais atuantes na grande mídia não conseguem informação dessas comunidades, a não ser em momentos de conflito ou



calamidades cotidianas, e quase sempre com a visão da classe dominante e não da própria comunidade, deixando de lado em muitos momentos o contexto do fato noticiado.

Este projeto de extensão poderá estimular a reflexão desse aluno (a), para que, mesmo exercendo a função de jornalista na mídia de massa após se formar, tenha um “olhar” diferenciado para essas comunidades e produza informação de qualidade sobre elas.

2 OBJETIVO

Objetivo geral - Instrumentalizar as comunidades excluídas para a produção e reflexão sobre os processos de comunicação, ampliar as ações do curso de Jornalismo e da Universidade na comunidade e desenvolver reflexão sobre o papel social dos jornalistas.

Como objetivos mais específicos, realizar ações comunicacionais voluntárias de responsabilidade social, ampliar a presença regional do curso através de iniciativa cidadã, oferecer espaço de atuação para cumprimento dos créditos obrigatórios em atividades complementares, estruturar e realizar a capacitação para a recepção crítica dos meios de comunicação, estabelecer parceria para a produção conjunta de comunicação com característica comunitária, apreensão da realidade social por meio da atividade e do contato com a sociedade, oferecer suporte e acompanhamento para a produção do jornal, e promover a inclusão social da parcela da sociedade que tem deficiências.

3 JUSTIFICATIVA

A impossibilidade de a comunicação acontecer por meio das mídias tradicionais (que trazem uma visão parcial e muitas vezes comprometida das comunidades excluídas) faz com que essas populações busquem outras formas para exercer o direito à comunicação.

A principal maneira de as comunidades excluídas garantirem o direito inalienável de ter voz é por meio da comunicação comunitária e popular.

Peruzzo (1998, p. 125) fala que a comunicação comunitária e popular:

Encerra uma crítica da realidade e um anseio de emancipação, na luta por uma sociedade justa. Como produto de uma situação concreta, seu conteúdo, nos últimos anos, é essencialmente configurado por denúncias das condições reais de vida, oposição das estruturas de poder geradoras de desigualdades, estímulo à



participação e à organização, reivindicações de acesso a bens de consumo coletivo etc.

Nessa comunicação, o excluído quer, e passa a ser, o protagonista. Ele pretende deixar de ser somente receptor para ser emissor da informação, em uma troca efetiva dentro da sua comunidade e com as demais que se encontram na mesma situação de exclusão. Interlocutores que lutam e nas diversas causas as quais buscam comunicar têm uma comum a todos: a pobreza.

A percepção de que a situação de exclusão só pode ser resolvida de forma coletiva e que a comunicação pode servir como meio de denúncia e de alerta para a consciência dessa situação levam à participação e ao envolvimento no processo.

Qual é a função da Universidade e do estudante de jornalismo nesse processo? Somar esforços no sentido de possibilitar o acesso dessas comunidades a uma produção autônoma e, para isso, levar as ferramentas do seu conhecimento técnico até elas, papel que seria desempenhado pelo Núcleo de Jornalismo Social. Além de tornar-se participante de um processo de mobilização, do qual a comunicação é a porta-voz, contribuindo para modificar a realidade de exclusão dessas comunidades. O futuro profissional atuaria em conjunto com o grupo e desempenharia, de fato, o papel social do jornalismo.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Oficinas – O primeiro passo do projeto é uma reunião com o grupo para definir as suas necessidades de comunicação.

A base é o conceito de educação-formal definido por AFONSO (1998, p. 78):

Embora obedeça também a uma estrutura e organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação de conteúdos de aprendizagem para cada grupo completo.



Após a primeira reunião são definidos junto com o grupo os conteúdos necessários de aprendizagem. Os conteúdos serão abordados por meio de oficinas que ocorrem na universidade ou no local em que o grupo se reúne.

Produção – O segundo passo é a produção do veículo desde a organização da pauta, captação de informações e imagens além da edição e diagramação. Todas as atividades são desenvolvidas em conjunto – grupo social, alunos da universidade e professores.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O grupo Sol de Primavera é composto por cerca de dez deficientes físico e/ou mentais de diversas idades e se reúne semanalmente no CESA Cata Preta com uma orientadora do projeto ARCO. Participaram mais de dez alunos, que se revezavam nas reuniões, com supervisão da professora-orientadora.

Nosso primeiro passo foi nos juntarmos a eles para discutir o formato do jornal e seu conteúdo. Começamos com uma oficina para familiarizar os integrantes do grupo com o veículo jornal comunitário, como funciona, suas características e objetivos. Também passamos um pouco sobre a profissão e função do jornalista.

Foram definidas várias colunas fixas como de culinária, arte e humor, que abordaria problemáticas envolvidas com o grupo e o bairro, que teria uma versão em braile para os deficientes visuais e que teria o formato A4, impresso frente e verso.

O jornal visa incluir os deficientes, torna-los mais atuantes em seu bairro, e promover a discussão da inclusão da pessoa com deficiência na sociedade em todas as suas formas, desde a questão da acessibilidade até sua qualidade de vida e trabalho. O público alvo são os moradores do bairro, deficientes ou não.

Passamos a nos reunir com o grupo a cada 15 dias para discutir e elaborar as pautas, os textos, as entrevistas, as fotos e a diagramação. Nas semanas em que não havia reunião, a comunicação com o grupo se dava por e-mails, com a intermediação da orientadora do ARCO.

O primeiro número foi lançado em julho de 2007, após quase quatro meses de trabalho em uma versão impressa e também em braile, uma exigência do grupo.

O jornal é impresso na secretaria do próprio CESA Cata Preta e versão em braile é rodada voluntariamente pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. A distribuição é feita pelos próprios integrantes do grupo e também no CESA.



6 CONSIDERAÇÕES

O grupo deixou de se reunir por cerca de dois meses no final de 2008 e quando surgiu a proposta de voltar à atividade, uma das primeiras demandas foi a volta da produção do jornal, que para eles é considerado um instrumento fundamental para não só divulgar o grupo como também servir de ferramenta para a conquista do espaço da cidade e do direito a cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Almerindo Janela. “Sociologia da educação não-escolar: reactualizar um objetivo ou construir uma nova problemática?”, in A. J. Esteves e S. R. Stoer (orgs.), *A sociologia na escola*. Porto: Afrontamento, 1989.

CARNICEL, Amarildo. “Jornal comunitário e integração social: elementos para a realização de trabalhos em comunidades de bairro”, in *Revista de estudos do curso de jornalismo*, n. 7 Campinas: Gráfica da Puccamp, 2003.

PERUZZO, C. M. K. *Comunicação nos Movimentos Populares – a participação na construção da cidadania*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.